

OS CIRCUITOS ESPACIAIS DE PRODUÇÃO DO VESTUÁRIO EM NATAL/RN E OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA: UMA ANÁLISE DO CIRCUITO INFERIOR¹

The spatial circuits of clothing production in Natal / RN and the two circuits of the urban economy: an analysis of the lower circuit

Los circuitos espaciales de la producción de ropa en Natal / RN y los dos circuitos de la economía urbana: un análisis del circuito inferior



Francisca Diane Pereira de FARIAS – Mestre e Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora da rede municipal de ensino de Parnamirim, RN, Brasil. *ORCID ID:* <https://orcid.org/0000-0001-5782-9061>
URL: <http://lattes.cnpq.br/8221048743696170>
EMAIL: dianapfarias@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo central abordar questões teóricas e empíricas a respeito de como se organiza, espacialmente, a indústria do vestuário presente na região metropolitana de Natal/RN, a luz da teoria dos dois circuitos da economia urbana proposta por Milton Santos, na década de 1970. Para isso, foi tecida uma discussão em torno das características internas do circuito superior e inferior da economia urbana, abordando sua inter-relação com o circuito espacial de produção da indústria do vestuário, uma vez que as etapas produtivas desse circuito se desenvolvem no espaço urbano e são comandadas por agentes econômicos característicos dos circuitos da economia urbana. Por fim, foi apresentada uma discussão acerca da configuração do circuito inferior da indústria do vestuário presente na cidade de Natal/RN. Para melhor entender o tema, realizamos coleta de dados por meio de pesquisa em fontes secundárias (sites) e empiricamente, in loco. O aporte teórico está fundamentado nas formulações empreendidas por Santos (2012) e em alguns de seus principais interlocutores, como Silveira (2004, 2009, 2015).

Palavras-chave: Circuito espacial de produção; Vestuário; Circuito superior; Circuito inferior.

Histórico do artigo

Recebido: 22 junho, 2020

Aceito: 27 julho, 2020

Publicado: 31 agosto, 2020

¹ Artigo apresentado como trabalho final da disciplina: A cidade e os dois circuitos da economia urbana oferecida como parte da carga horária do Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia da UFRN.

ABSTRACT

The central objective of this article is to address theoretical and empirical questions regarding of how to organize, spatially, the clothing industry present in the metropolitan region of Natal-RN, in the light of the urban economy's two circuits theory proposed by Milton Santos in the 1970's. For that, we created a discussion around the internal characteristics of the urban economy's superior and inferior circuits, addressing its interrelation with the space circuit of the clothing industry's production, since the productive stages of this circuit are developed in the urban space and are commanded by economic agents typical to the urban economy's circuits. At the end, we present a discussion around the configuration of the clothing industry's inferior circuit present in the city of Natal-RN. To better understand the theme, we collected the data using research in secondary fonts (web sites) and empirically in place. The theoretical contribution is reasoned on formulations made by Santos (2012) and on some of his mais interlocutors, such as Silveira (2004, 2009, 2015).

Keywords: Space circuit of production; Clothing; Superior circuit; Inferior circuit.

RESUMEN

El objetivo principal de este artículo es plantear cuestiones teóricas y empíricas sobre cómo se organiza espacialmente la industria de la confección en la región metropolitana de Natal-RN, a la luz de la teoría de los dos circuitos de economía urbana propuesta por Milton Santos en la década de 1970. Con este fin, discutimos las características internas del circuito superior e inferior de la economía urbana, abordando su interrelación con el circuito espacial de producción de la industria de la confección, ya que las etapas productivas de este circuito se desarrollan en el espacio urbano y están al mando de agentes económicos característicos de los circuitos de la economía urbana. Finalmente, presentamos una discusión sobre la configuración del circuito inferior de la industria de la confección presente en la ciudad de Natal-RN. Para comprender mejor el tema, realizamos la recopilación de datos a través de investigaciones en fuentes secundarias (sitios web) y empíricamente in loco. La contribución teórica se basa en las formulaciones realizadas por Santos (2012) y en algunos de sus principales interlocutores, como Silveira (2004, 2009, 2015).

Palabras-clave: Circuito espacial de producción; Confección; Circuito superior; Circuito inferior.

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é analisar como se configura e se espacializa o circuito inferior da economia urbana da indústria do vestuário na cidade de Natal/RN e, como o mesmo interage com a economia urbana da cidade, considerando as características do circuito superior e inferior, bem como sua relação com a produção do vestuário, haja vista que os dois circuitos da economia urbana estão, de algum modo, relacionados com esse seguimento produtivo. A proposta é fruto das discussões tecidas na disciplina “A cidade e os circuitos da economia urbana”, como o próprio nome sugere, a base primordial foi a teoria dos dois circuitos da economia urbana proposta por Milton Santos e, largamente difundida por seus pares. A teoria tem como foco a compreensão do fenômeno urbano nos países subdesenvolvidos. Para tanto, o autor partiu do princípio que era preciso compreender as especificidades que marcam o crescimento e o desenvolvimento das

idades no mundo subdesenvolvido, atendendo para o alto grau de modernização, de fragmentação e de contradições que caracteriza a organização da economia urbana nestes países. O circuito superior e inferior interage e anima a construção, bem como o movimento da cidade, por meio de variadas atividades econômicas e diversos agentes, cujas escalas de ação dependem do poder que cada um dispõe para se inserir no contexto da economia capitalista globalizada. Considerando a realidade empírica da cidade de Natal/RN, que possui pequenas, médias e grandes indústrias ligadas ao setor do vestuário, emergiram as questões centrais da pesquisa; quais elementos do circuito superior e inferior caracterizam as empresas? Existe complementaridade entre os agentes do circuito superior e inferior? Como se organiza a produção das pequenas empresas do vestuário localizadas na cidade de Natal/RN?

A luz desta teoria, discutiremos as características inerentes aos circuitos superior e inferior, buscando focalizar como a indústria do vestuário presente na cidade se organiza e, como ela se constitui enquanto elemento partícipe desta realidade. Apesar de nossa análise, está voltada de forma mais específica para o circuito inferior, essa discussão não se dá de forma isolada, já que não existe na realidade empírica uma fronteira rígida e linear que divide a cidade, colocando-a de um lado a economia do circuito superior e do outro, a do inferior. Como ressaltam os autores Santos e Silveira (2008, 2009), os dois circuitos não possuem independência nem autonomia de significados. Neste sentido, podemos afirmar que a cidade é a manifestação concreta dessa relação de interdependência entre os circuitos da economia. Faz-se mister dizer que a cidade é compreendida enquanto uma totalidade, não homogênea, mas heterogênea, dada pelos diferentes usos do seu território. É nesse contexto de totalidade que os dois circuitos coexistem.

Embora cada circuito resguarde características que os particularizam e lhes dão coerência interna, autorizando-nos a falar de modo analítico, sobre ambos, essa análise se torna mais completa quando construída de forma dialética, buscando entender os circuitos, não como realidades isoladas, mas interconectadas. É esta concepção que orienta as reflexões contidas neste texto.

Por fim, salientamos que os exemplos e os dados que serão analisados, resultam de procedimentos metodológicos que se deram por meio de pesquisa empírica realizada em unidades industriais e através da coleta de dados secundários, obtidos em sites, como o da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte (FIERN) e na plataforma RAS/CAGEDE do Ministério do Trabalho e Emprego. A pesquisa empírica ocorreu junto às

micro e pequenas empresas de fabricação do vestuário existentes na cidade de Natal/RN, especificamente em unidades localizadas nas zonas Sul, Oeste e Leste.

2 OS CIRCUITOS ESPACIAIS PRODUTIVOS E OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO EM NATAL/RN E REGIÃO METROPOLITANA

Como expomos na seção de abertura, buscar compreender como se constitui e se caracteriza um dado circuito da economia urbana, a partir de uma determinada atividade, requer antes de tudo, a compreensão de que a gênese que constitui os dois circuitos é única e, que ambos constituem a feição mais atual da cidade, em tempos de economia global. Esta constatação, sendo levada a cabo nas análises geográficas da cidade, evita que caiamos em explicações simplórias, que não evidenciam a complexidade do fenômeno urbano nos países subdesenvolvidos. Os dois circuitos nascem das sucessivas e históricas modernizações do capitalismo e dos sistemas técnicos que redefinem e reorganizam o modo de produção capitalista. Esse processo resulta em intensas divisões territoriais e sociais do trabalho, que alterou o papel dos lugares e dos territórios nacionais na produção econômica mundial. Assim, a cada modernização tecnológica, certas porções do território são beneficiadas em detrimento de outras, o que aprofunda sistematicamente a desigualdade e a distribuição de renda entre a população global. Nesse contexto, marcado por exclusão e desigualdades, emergem os dois circuitos da economia, cujo vetor principal é a própria modernização tecnológica. Como aponta Santos:

Um dos dois circuitos é o resultado direto da modernização tecnológica. Consiste nas atividades criadas em função dos progressos tecnológicos e das pessoas que se beneficiam deles. O outro é igualmente um resultado da mesma modernização, mas um resultado indireto, que se dirige aos indivíduos que só se beneficiam parcialmente ou não se beneficiam dos progressos técnicos recentes e das atividades a eles ligadas. (SANTOS, 2008, p.38)

Dessa forma, as cidades dos países subdesenvolvidos tornam-se abrigo destes dois circuitos, as massas populacionais excluídas do mercado de trabalho moderno, presentes nas cidades, buscam desenvolver novos ramos de atividades econômicas que demandem pouco grau de capital, tecnologia e organização. Assim, a cidade se divide entre as atividades modernas e os indivíduos que passam a consumir os benefícios desta

modernização. Na outra margem, estão aqueles que são parciais ou totalmente excluídos do progresso técnico, como também do tipo de consumo que dele decorre. Como aponta Santos (2008), estas diferenças são a causa e efeito da criação e manutenção, nessas cidades, dos dois circuitos da economia urbana, como de circuitos de produção, distribuição e consumo de bens e serviços que vão existir em decorrência destes dois circuitos.

Nesse contexto de modernização tecnológica, a divisão territorial do trabalho ocorre em escala planetária. O desenvolvimento dos sistemas técnicos de telecomunicações e transportes ofereceu a base material para a redefinição da logística que envolve as etapas de produção, distribuição, comércio e consumo. Essas etapas passaram a ocorrer em espaços geograficamente distantes, tornando mais complexa a distribuição espacial das atividades econômicas. A variável circulação passa a ser elemento definidor do poder e da ação dos agentes econômicos. Quanto maior a capacidade de um agente em difundir sua produção, distribuição, comércio e consumo pelo território, maior será seu ganho financeiro, sobretudo, pelo fato de que esse agente passou a explorar as vantagens da mais valia que, em razão dos avanços tecnológicos e dos meios de transporte, se dá a nível global. Por esta racionalidade, os lugares e, portanto, as cidades, organizam-se de forma hierárquica de acordo com o conteúdo técnico presente em seu território e em função de sua posição na escala da divisão territorial do trabalho. Ao mesmo tempo em que uma cidade abriga as etapas do circuito espacial produtivo, essas etapas participam dos circuitos da economia urbana, seja o superior ou o inferior.

No caso da indústria do vestuário, esse fenômeno é bastante representativo, já que esta é uma das atividades que mais tem sido modificada no período atual, logo, está intrinsecamente ligada aos dois circuitos da economia urbana. As etapas de produção, circulação, distribuição e consumo ocorrem em escala planetária, movimentando agentes tanto do circuito superior quanto do inferior. Dentre os fatores que ajudam a explicar o processo de dispersão da produção do vestuário, encontra-se o fato de que, a despeito do desenvolvimento tecnológico, esta é uma atividade que ainda demanda uma grande quantidade de mão-de-obra. A relação costureiro(a) e máquina de costura ainda é um dos pilares da produção do vestuário. Nessa conjuntura, a fim de angariar maiores lucros, as grandes empresas do seguimento têm usando da estratégia de dispersão espacial das etapas de produção, sobretudo a da costura, instalando-se em áreas onde o valor da mão-de-obra é mais barato e, o Estado proporcione incentivos fiscais e locacionais para instalação de suas bases produtivas.

É neste contexto, que o território do Rio Grande do Norte, a partir da década de 70,

mais intensamente dos anos 90, passou a integrar o circuito espacial de produção da indústria têxtil e do vestuário, com a chegada de empresas de capital nacional e internacional. A vinda destas empresas foi resultado da criação de pacotes de incentivos fiscais concedidos pelo governo, como forma de promover o estado e atrair novas indústrias. Para isso, foi criado em outubro 1985, pela lei de número 5.397, o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Industrial do Rio Grande do Norte (PROADI). A isenção de ICMS e a doação de terrenos para construção das plantas industriais fez parte do pacote de incentivos. Estas estratégias são emblemáticas nesse processo de reestruturação da economia global, onde o Estado atua como facilitador da racionalidade de produção do capital hegemônico, agindo por meio de um conjunto de normas que beneficiam diretamente as grandes empresas. Como pontua Santos (2008) a este respeito:

Entre as formas de apoio do Estado ao nascimento e ao desenvolvimento do circuito moderno, encontramos a proteção concedida à concentração de monopólios, financiamento direto ou indireto das grandes firmas através da construção de infraestruturas caras, [...] legislações fiscais discriminatórias, leis de investimento e planos de desenvolvimento (SANTOS, 2008, p.161).

Das empresas atraídas para o território potiguar, destacamos as do ramo têxtil e do vestuário; Coats, Nortex, Coteminas, Toli², Vicunha, Rm Nor, Cia.Hering, e a Guararapes. Esta última oriunda do estado, mas que também integrou o grupo das grandes empresas beneficiadas pelos incentivos fiscais do Governo. Essas empresas, em função de suas características e relações, integram o circuito superior da economia urbana. Elas comandam as etapas do circuito espacial de produção que estão intrinsecamente conectadas com o espaço urbano, seja na etapa da produção, na distribuição ou na comercialização. Boa parte dessas empresas integra o comércio varejista moderno, fenômeno em expansão nos países subdesenvolvidos, isso porque no circuito superior:

Sua existência está ligada à possibilidade de uma demanda mais numerosa e mais diversificada, assim como às possibilidades de pagamento em dinheiro líquido ou segundo as formas burocráticas de crédito, tais como cartões de crédito instituídos pelos bancos ou sistemas de crédito particulares a certas firmas comerciais. As relações são impessoais nesse gênero de supercomércio (SANTOS, 2008, p.87).

Assim, as relações urbanas estabelecidas pelas grandes empresas do vestuário, a

² As empresas Toli e RM Nor, encerraram suas atividades produtivas no estado. A primeira em 2019 e a segunda em 2018.

exemplo da rede de lojas Riachuelo, pertencente ao grupo Guararapes, tanto integram a economia urbana na etapa da produção, uma vez que sua fábrica se localiza na região metropolitana da capital, bem como na etapa do comércio, por meio de suas lojas localizadas na cidade de Natal/RN, pois se caracterizam pelo uso do sistema de crédito, tanto pelo financiamento próprio quanto através de crédito (cartões) concedido por bancos particulares. Como aponta Santos (2012), as relações desse tipo de comércio são marcadas pela impessoalidade.

Outro aspecto importante ao contexto urbano, diz respeito à localização dessas empresas na região metropolitana de Natal, sobretudo nos Centros Industriais Avançados (CIA), em Macaíba/RN e nos distritos industriais de São Gonçalo do Amarante/RN, Extremoz/RN e Parnamirim/RN. Seguindo a logística da racionalidade produtiva imposta pela globalização, estas empresas se instalaram nas áreas industriais localizadas nas margens dos eixos rodoviários mais importantes do estado, BRs 101 e 304, onde desfrutam de maior fluidez e, dessa forma, garantem a circulação de sua produção, em escala nacional e internacional. Sobre a importância da logística no atual período, Castillo aponta que:

A logística, compreendida como a manifestação hegemônica da circulação no período atual, torna-se a prioridade de agentes públicos e estratégia de grandes empresas para conferir fluidez e racionalidade aos circuitos espaciais produtivos (CASTILLO, 2010, p.465).

As grandes indústrias atraídas por incentivos fiscais, localizadas na região metropolitana, comandam o circuito de produção típico do circuito superior da economia urbana. Essas empresas concentram alto grau de capital, de técnica e de organização que lhes confere uma capacidade de controle da produção e da circulação de todas as etapas do trabalho produtivo. Sob a lógica da nova divisão territorial do trabalho, as etapas acontecem em espaços geograficamente distantes, e são obedientes à hierarquia dos lugares segundo a densidade técnico-científico-informacional presente em cada lugar. Essa hierarquia define quais etapas da produção podem ou não serem acolhidas por aquele território. No caso das empresas que foram atraídas para o Rio Grande do Norte, a etapa da produção (costura) predomina como atividade principal. As demais, sobretudo as que demandam serviços mais especializados, a exemplo da concepção das peças, localizam-se no centro-sul do país, assim como os Centros de Distribuição (CDs) que estão localizados principalmente na região centro-sul, sobretudo no estado de São Paulo. Dentre

as empresas do vestuário presentes no território potiguar, a Riachuelo mantém um centro de distribuição na região metropolitana de Natal. No que se refere à etapa de comercialização, ela ocorre por meio das grandes lojas de varejo moderno, geralmente localizadas em grandes estruturas comerciais, como shopping centers. Assim como as fábricas, as lojas se enquadram como parte do circuito superior da economia urbana.

O circuito espacial produtivo do vestuário, representado pelas empresas do circuito superior, reforça o poder da organização quanto ao uso do território, sobretudo quando ocorre em escala nacional. Os agentes do circuito superior atuam em rede, o que garante o controle da produção e o tempo exato de chegada ao mercado consumidor. A organização, a informação e a logística, são peças-chave nesse processo de produção que conecta uma rede de lugares, em pontos estratégicos do território. Nestes pontos, as cidades assumem um lugar fundamental nas etapas da produção, desempenhando funções hierarquicamente específicas. Como reforça Silva (2012), a metrópole paulistana comanda o circuito espacial da produção do vestuário nacional, concentrando os serviços mais específicos como de concepção, de marketing, logística, agências de publicidade e consultorias. Esta hierarquização representa a desigualdade e a fragmentação do território com que opera o circuito superior em escala intraurbana e nacional.

No contexto da cidade de Natal e da região metropolitana, essas empresas reforçam a fragmentação e hierarquização do seu território, onde o meio construído, no qual fazem parte e influenciam, constitui uma especialização produtiva voltada para as grandes indústrias do ramo têxtil e do vestuário. Como exemplo das zonas industriais presentes na metrópole, nesses espaços luminosos como referido por Santos (2011), concentram-se a maior densidade técnica, denotando a força do circuito superior. Não é por acaso que as médias e grandes empresas do setor estão exatamente localizadas na região metropolitana. Como aponta Silveira (2015), as cidades do terceiro mundo abrigam atividades modernas e globalizadas e, é a corrida pela inovação que modifica os objetos e as ações, permitindo novos e maiores excedentes e, em sua decorrência, reforçam as desigualdades que também se instalam no território.

3 O CIRCUITO INFERIOR DO VESTUÁRIO NA CIDADE DE NATAL RN: ESPACIALIDADE, CARACTERÍSTICAS E RELAÇÕES

É no bojo desse processo de modernização capitalista e, das sucessivas divisões territoriais do trabalho que nascem inúmeras atividades que, diferente daquelas

representativas do circuito superior, partilham de pouco ou nenhum capital de tecnologia e organização. São as atividades do circuito inferior, elas representam um abrigo para os pobres que desenvolvem, na cidade, atividades de pequeno porte e baixo nível de capital e de organização. Esta feição da economia urbana é também tida como um resultado do processo contraditório da globalização e da modernidade. É na chamada economia dos pobres que a massa excluída dos trabalhadores consegue se inserir. No circuito inferior encontram a possibilidade de sustento e reprodução social. A cidade é, portanto, lugar das ações dos atores hegemônicos e não hegemônicos dos dois circuitos, representando a noção, proposta por Santos (2008), da cidade como espaço banal, ou seja, o espaço de todos, de todas as ações.

O circuito inferior do vestuário na cidade de Natal se constitui de uma variada tipologia e topografia, representada por micro e pequenas empresas especialmente localizadas nas quatro regiões administrativas da cidade, conforme representado pela figura 01.

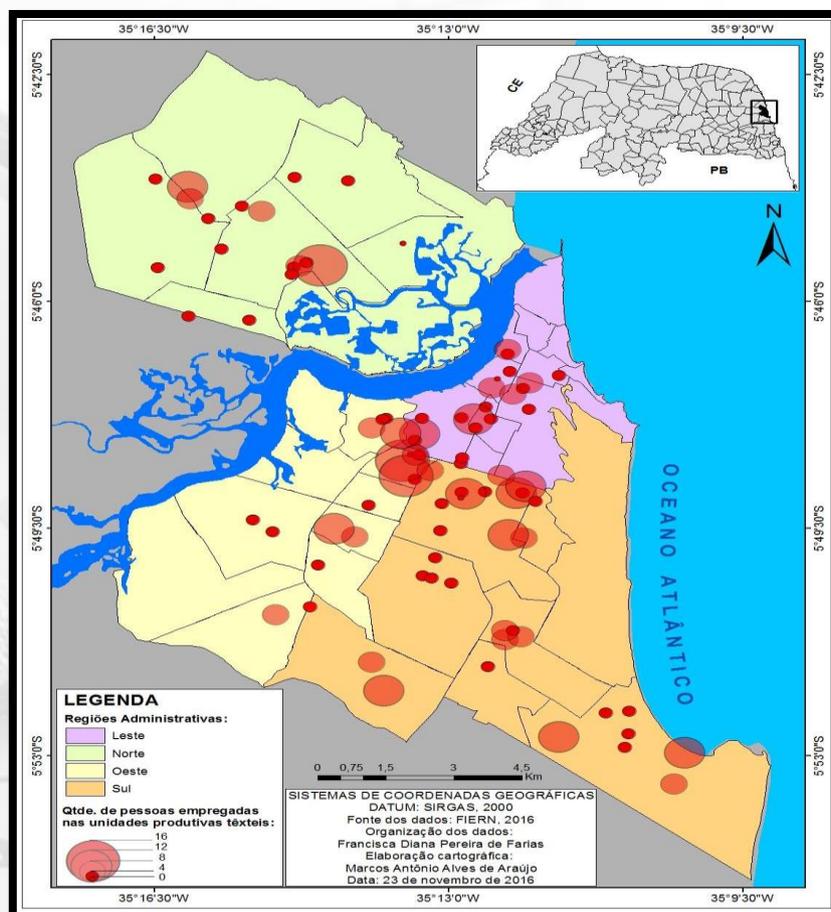
Estes pequenos estabelecimentos industriais se ocupam na produção de peças do vestuário masculino e feminino, moda infantil, moda íntima, moda praia e confecção de uniformes e fardamentos em geral. A mão de obra ocupada varia entre 05 e 15 funcionários, de acordo com o cadastro industrial da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte, FIERN³.

No entanto, a pesquisa empírica constatou uma divergência entre os números declarados no cadastro e os informados in loco, esses números variam tanto para mais quanto para menos, embora a variação negativa tenha superado a positiva, em relação aos dados coletados e aos dados declarados no cadastro das empresas.

A exemplo da empresa Ana Fernandes Damasceno, especializada em uniformes e fardamentos que, segundo o cadastro, contava com 10 funcionários, mas de acordo com os dados informados na pesquisa, atualmente funciona com apenas 02 costureiras e uma recepcionista.

³ A FIERN disponibiliza em seu site o cadastro das indústrias de acordo com o ramo de atividades e número de empregados. As informações utilização se referem ao ano de 2015, o que pode explicar a incoerência entre o cadastro e as informações colhidas na pesquisa de campo.

Figura 01 – Espacialização das micro e pequenas fábricas do vestuário na cidade de Natal/RN.



Fonte: Dados coletados no site da FIERN.

É o mesmo caso da empresa Central Confecções e Fardamentos que, segundo o cadastro, possuía 05 funcionários, mas constatamos na pesquisa que a mesma havia encerrado as atividades. Este dado chama atenção, pois ratifica o que Silveira (2009) apontou em relação às pequenas empresas:

Entre empresas menores capitalizadas e tecnicadas, o grau de mortalidade é alto, graças à dependência da conjuntura e de sua incapacidade de autodefesa diante das alterações bruscas do peso relativos dos fatores de produção (SILVEIRA, 2009, p.67).

No caso das empresas citadas, pesam não somente os fatores de produção como valor da mão-de-obra, o preço da matéria-prima utilizada e os tributos que são pagos. A conjuntura econômica local e nacional interfere diretamente na contratação de seus

serviços. Nos dois exemplos citados, as empresas fabricavam uniformes hospitalares e fardamentos para a construção civil. Em função da crise econômica que se abateu sobre o país em 2015, afetando vários setores, inclusive da construção civil, foi reduzida a demanda por fardamentos por parte das empresas do setor, ocasionando, conseqüentemente, redução das encomendas, o que provocou o encerramento das atividades de pequenas empresas. Nestes termos, verificamos a vulnerabilidade do circuito inferior e sua dependência em relação ao circuito superior, já que a produção de ambas as empresas dependia da demanda do setor hospitalar e da construção civil.

No tocante a nomenclatura de pequenas indústrias, Santos (2008) faz um alerta necessário, o de não adotar esta definição tomando como critério apenas o número de empregados. É o caso da tipologia usada pela FIERN que considera pequenas empresas aquelas com até 19 funcionários. Este número, segundo o autor, não pode ser a única variável para estabelecer se a empresa faz parte do circuito inferior. Esta definição deve ser buscada na análise das técnicas empregadas e nas condições de organização e inserção da empresa na economia capitalista. O fato de uma empresa ser classificada como pequena, de acordo com as agências e órgãos administrativos, não significa que ela pertence ao circuito inferior. É o caso do ateliê de costura localizado no bairro de Petrópolis (zona Leste), uma das áreas mais modernas da cidade, que abriga atividades tipicamente do circuito superior. De acordo com o número de empregados, o ateliê se enquadra como microempresa. Porém, ao analisar o nível da produção e da clientela para qual se destina, constatamos que a mesma integra o circuito superior, haja vista que as peças produzidas são destinadas para um seletos público das classes média e alta da cidade, onde o preço pago por artigos pode variar de 800 a 5 mil reais. Este valor aumenta de acordo com o modelo, os tecidos⁴, e o tipo de vestimenta escolhida.

Como observa Santos (2008), em relação às características do circuito superior, esses estabelecimentos tipo boutiques oferecem produtos exclusivos, pelos quais são pagas altas quantias. Como reforçou a proprietária do ateliê, “aqui se paga para ser exclusivo”. Corroborando com a ideia de que a clientela do ateliê também “está entre os conhecidos do proprietário, apela para um crédito individualizado, pessoal e que não é necessariamente burocrático”, afirma Santos (2008, p.87). Este dado foi confirmado quando

⁴ Conforme informado, os tecidos usados em algumas peças produzidas no ateliê são importados da Europa, especialmente de Milão. No caso, estas peças o valor pode superar o mencionado.

questionamos sobre a forma de pagamento, que pode ser feita de acordo com a clientela⁵, por meio de parcelas pagas em dinheiro líquido, ou através do cartão de crédito.

Ao analisar o caso deste ateliê, e comparando-o em relação às demais indústrias visitadas, percebemos a contradição na produção, como também no uso do território. Petrópolis (zona Leste) está dentre as áreas onde o metro quadrado alcança os valores mais elevados da capital, no entanto, o estabelecimento ocupa uma área significativa e conta com dois pavimentos, no térreo funciona a loja, e no andar superior o ateliê onde as peças são produzidas.

A localização denota o alto grau de capitalização da empresa, o que a diferencia das demais do circuito inferior. Estas, por sua vez, encontram-se, na maioria, em áreas onde o meio construído é menos valorizado do ponto de vista do capital e, mesmo quando localizadas em bairros mais nobres da cidade, ocupam pequenos espaços ou se inserem nos lugares menos visíveis. É o caso da empresa El-Shadai Fardamentos, que também se localiza no bairro de Petrópolis, mas que ocupa um pequeno espaço, onde divide produção e comercialização. Já a facção de costura, localizada na zona Oeste da cidade, no bairro Cidade da Esperança, verificamos outra forma do uso do território.

É comum que o local de trabalho dos artesões e o ponto de venda dos comerciantes sejam em sua habitação, mesmo que alguns disponham de uma venda no mercado ou na cidade. Isso representa uma economia de tempo e de dinheiro e quase sempre constitui a única possibilidade de ter uma atividade econômica. (SANTOS, 2008, p.217).

A facção de costura Fascínio Confecções conta com 4 funcionárias (costureiras), funciona em um pequeno compartimento anexo à casa da proprietária. Conciliar local de moradia com local de trabalho foi a maneira encontrada para minimizar os custos da produção e auferir maiores lucros, já que os custos do aluguel, mesmo em um bairro popular, são considerados altos, em relação ao faturamento da empresa, conforme relatou a empresária. Ela ainda acrescentou que esta é uma forma de conciliar as atividades domésticas com o gerenciamento da fábrica. Este aspecto reforça o nível de fragmentação da cidade, e de como cada empresa consegue se localizar em uma de suas frações. No espaço urbano, o valor pago pelos aluguéis ou para aquisição de imóveis são definidores deste processo, pois revelam o poder das empresas quanto ao uso do território citadino.

⁵ De acordo com a proprietária que também é a estilista, a maioria das clientes que frequentam seu ateliê são conhecidas da mesma, ou clientes que já frequentam seu estabelecimento há vários anos. Assim, para estas clientes a forma de pagamento é feita de acordo com a “vontade” delas.

No que diz respeito ao nível de organização e informatização da produção, constatamos o que Silveira (2015) aponta sobre o circuito inferior, de que não existe uma divisão interna do trabalho, nem uma forte hierarquização profissional. As costureiras dessas fábricas realizam todas as etapas da produção, desde o corte até o acabamento. É o caso esboçado pela empresa Malhas e Malhas Brasil, localizada no bairro Nova Descoberta, zona sul da cidade. Nesta fábrica, cada costureira produz uma peça completa, ao contrário das típicas linhas de produção das indústrias do circuito superior, onde cada funcionário realiza apenas uma parte específica da produção. A hierarquia das atividades também ocorre de forma simples, dividindo-se entre as costureiras que ocupam a mesma função e, a proprietária da fábrica, que assume a parte administrativa. No quesito informatização, o mesmo é baixo ou inexistente, já que estas fábricas não trabalham com nenhum sistema técnico de automação, nem mesmo os dados da produção são armazenados em programas de computador.

Conforme observamos, esse controle é feito pelos proprietários e/ou pelas costureiras em cadernos de anotações. Ainda no tocante à técnica da informatização, as máquinas de costura utilizadas pelas indústrias do circuito inferior agregam um baixo grau de tecnologia, não são automatizadas ou computadorizadas. Este aspecto facilita a contratação de uma mão-de-obra pouco qualificada. Nas fábricas visitadas, o nível de escolaridade das costureiras não ultrapassa o ensino médio, sendo que a maioria só possui o ensino fundamental. Este aspecto reforça a importância do circuito inferior, para a economia da população urbana mais pobre, porque se “constitui uma estrutura de abrigo para os cidadãos, antigos ou novos, desprovidos de capital e de qualificação profissional”, Santos (2008, p.202).

Muitos desses cidadãos são migrantes de regiões excluídas do processo de modernização, ou que não se converteram em espaços de interesse do capital hegemônico. A região metropolitana de Natal é um exemplo deste tipo de fenômeno, muitos dos seus moradores são migrantes oriundos das regiões mais pobres do estado e que vieram para a capital em busca de emprego. Foi o que declararam algumas funcionárias das fábricas visitadas. Parte destes migrantes passou a engrossar o circuito inferior se ocupando em suas atividades.

O local de moradia dos trabalhadores também é um dado que ajuda a interpretar a cidade. Das empresas visitadas, a maioria dos empregados não residia no bairro onde funcionava a fábrica. São essencialmente moradores da zona norte e zona oeste da cidade, duas regiões onde a economia urbana não se apresenta de forma tão dinâmica e moderna,

o que certamente influencia na saída destes trabalhadores, sobretudo mulheres, em busca de emprego em outras regiões da cidade. Embora estas regiões também contenham a presença de pequenas fábricas do vestuário, conforme mostra o mapa (01), a quantidade de postos de trabalho não deve abarcar a demanda por emprego, já que estamos falando de áreas bastante populosas. O movimento diário dos trabalhadores urbanos também reforça a desigualdade na distribuição de renda entre a população. Os trabalhadores nem sempre conseguem dispor de condições financeiras para fixar moradia próxima do local de trabalho, o que os obriga a fazer uso do precário sistema de transporte público que opera na capital e região metropolitana.

Um equívoco na análise do circuito inferior é associar as formas de trabalho com o emprego informal, como se estas variáveis sempre se combinassem. Santos (2008) e Silveira (2007) chamam atenção para este erro. A maioria das indústrias visitadas confirmou que seus funcionários possuem registro no Ministério do Trabalho e Emprego contando com benefícios de seguridade social. Este dado é ilustrativo desta realidade, que pode ser entendida como um reflexo do conjunto de normas impostas pelo Governo a estas empresas, que muitas vezes condicionam a contração de empréstimos bancários por parte destas empresas com a formalização de seus funcionários.

Ainda em relação às formas de trabalho, constatou-se que a forma de emprego familiar, bastante emblemática do circuito inferior, não se mostrou representativa nas indústrias pesquisadas. Esta forma de mão-de-obra não foi constatada em nenhuma empresa.

A forma de trabalho não familiar e a formalização abrem margem para uma relação maior com o Estado e o sistema financeiro. A condição de empresa formalizada a enquadra em um conjunto de normas impostas pelo Estado, que vão desde o respeito às leis trabalhistas até a quitação dos impostos. As empresas pesquisadas afirmam pagar o imposto denominado Simples Nacional. Essa é uma forma de tributação destinada a pequenas empresas, que faz relação com o sistema financeiro, como enfatiza Silveira “Em los días actuales, el sistema financiero alcanza, com vigor antes nunca visto, el circuito inferior” (2007, p.170), seja através de bancos públicos ou privados.

Das empresas pesquisadas, todas possuem contas em bancos, sobretudo nos bancos públicos. Quanto ao financiamento da atividade, apenas quatro (4) entre as dez (10) empresas visitadas, declaram ter contraído empréstimos bancários para financiar a abertura da fábrica. O Banco do Nordeste é a instituição financiadora mencionada em todos os casos. A financeirização do circuito inferior no período atual se faz por meio do uso

maciço do cartão de crédito que tem revolucionado as formas de consumo e a relação dos sujeitos com o crédito. As empresas do circuito inferior do vestuário se constituem enquanto consumidoras e, para adquirir a matéria prima (tecidos, aviamentos e outros), recorrem ao crédito dos cartões, conforme constatamos em entrevistas, embora haja continuidade do uso do dinheiro em espécie, tanto para compra quanto para recebimento dos valores pagos pela produção.

4 O CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO DO CIRCUITO INFERIOR DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO EM NATAL /RN.

Pensar as diferentes etapas de uma dada produção, como um movimento encadeado é, portanto, entender a centralidade que o espaço geográfico assume neste movimento, já que sua existência é fator condicional para que tais etapas se realizem. São os objetos materiais e imateriais constitutivos do espaço geográfico que conferem fluidez e circularidade às etapas do processo produtivo (produção, distribuição, comércio e consumo). Tratar sobre circuitos espaciais de produção significa discutir como se constituem, no período atual, as diversas escalas da divisão territorial do trabalho. Cada lugar do território ocupa uma posição na hierarquia das etapas da produção.

Da mesma forma que, são as atividades e seus agentes que determinam a escala de distribuição das etapas da produção. A distribuição territorial das atividades ocorre de acordo com o capital, a tecnologia e com a organização de cada atividade por parte de seus agentes. Tal qual no circuito superior, as empresas do vestuário do circuito inferior também interagem no circuito espacial de produção do vestuário na cidade de Natal/RN.

É a escala de movimentação e localização, das etapas da produção, que difere o poder dos agentes, de um e de outro circuito. Para compreendermos como se organiza as etapas no circuito inferior, faremos uma breve descrição de como acontece cada uma delas no âmbito das pequenas empresas pesquisadas.

Produção – Esta etapa engloba a idealização da peça, o corte, a modelagem, a costura e acabamento. Nas indústrias pesquisadas, esta etapa do trabalho ocorre integralmente na fábrica e é comanda por ela. Como se trata, em geral, de pequenas quantidades produzidas, não há necessidade de contratação de outras empresas para auxiliar na produção. A idealização das peças é elaborada por funcionários (costureiras) ou proprietárias das fábricas. Essa etapa acontece sem que haja a contratação de um profissional com formação específica em design de moda. Quando a fábrica funciona como

facção de costura, a peça piloto já vem montada pela fábrica contratante. Cabe à indústria reproduzir a quantidade de peças encomendada.

Distribuição – O processo de distribuição ocorre de forma simples, uma vez que as pequenas empresas do circuito inferior não contam com uma rede de lojas receptoras de sua produção e, quando ocorre este processo, o mesmo se dá em escala local ou, no máximo, regional. É o caso da empresa Herbus Confecções que distribui sua produção para duas lojas próprias, uma em Natal/RN, e a outra em João Pessoa, capital da Paraíba. Para isto, contrata uma empresa de transporte especializada neste serviço. Essa realidade constata a relação de dependência do circuito inferior em relação à prestação de serviços intermediários. Nesse caso, a empresa transportadora atua no intermédio da produção e de sua distribuição. Por outro lado, quando a empresa é uma facção de costura, ela não é responsável pela distribuição das peças produzidas. Essa etapa é de responsabilidade da empresa contratante de seus serviços.

Comércio – Ocorre em lojas⁶, em feiras de eventos de artesanato ou para outros lojistas e sacoleiras da região.

Consumo - Esta é uma das etapas mais complexas de ser mapeada, pois requer uma pesquisa mais detalhada. Mas, pelas etapas anteriores, é possível analisar que este consumo se dá pela população local e no máximo regional, pertencentes à classe trabalhadora que integra o circuito inferior. O consumo também ocorre pelos agentes do circuito superior, seja na forma de contratante dos serviços de costura terceirizada, ou na compra de uniformes e fardamentos por empresas do circuito superior.

No que diz respeito ao consumo produtivo das indústrias visitadas, foi possível constatar três situações em relação à aquisição da matéria-prima e equipamentos (máquinas de costura). No primeiro caso, as indústrias que operam no sistema de facção de costura, não realizam a compra da matéria-prima, recebem diretamente da empresa contratante. No segundo caso, as empresas de produção própria realizam a compra dos tecidos e aviamentos que são produzidos por fabricantes nacionais como: Santista, Coats e empresas regionais localizadas no polo têxtil de Pernambuco (Santa Cruz do Capibaribe) ou em Fortaleza. Não identificamos a ocorrência de contiguidade em relação ao consumo produtivo, ou seja, a compra em bairros próximos ou mesmo na cidade.

⁶ Estas lojas são geralmente anexas a própria fábrica ou em suas proximidades, onde se comercializam a produção para o público dos bairros próximos, ou para sacoleiras que revendem em outras localidades. É o caso da fábrica Zagaia Modas.

Quanto às máquinas de costura, elas são compradas tanto na cidade de Natal, quanto no estado do Ceará, mais especificamente na cidade de Fortaleza/CE. Neste aspecto, o consumo produtivo das indústrias do circuito inferior demonstra que seu poder de ação transcende a escalar local. No entanto, a ampliação desta escala só se realiza por intermédio dos agentes do circuito superior, como no caso das empresas fornecedoras de tecidos, e também das revendedoras de máquinas. Esta capacidade revela o caráter multi-escalar das relações horizontais e verticais praticadas pelos agentes dos dois circuitos da economia urbana. Estas relações se dão dentro e fora da malha urbana e de acordo com a capacidade de atuação das empresas.

Existe, dentro de cada circuito, uma articulação horizontal com diferentes graus de integração. Há, entretanto, uma articulação vertical entre os circuitos, prova da sua existência relacional. Essa articulação revela uma complementaridade simples, quando um circuito demanda de outro um insumo ou utiliza alguma das suas atividades como economia externa, e uma complementaridade hierárquica, no momento em que a decisão de um agente do circuito superior atinge o inferior ou quando este possibilita a venda de bens que sobejam da economia superior. (SILVEIRA, 2014, p.168/169)

A natureza relacional entre os circuitos também se constitui pela contratação das facções de costura que atendem à demanda das empresas do circuito superior, esta é uma clara relação onde a ideia de complementaridade assume a feição de subordinação do circuito inferior em relação ao superior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que expomos, fica evidente que a inserção do território potiguar, mais especificamente de Natal e região metropolitana, no circuito espacial de produção da indústria do vestuário, se deu como resultado do processo contínuo de modernização da economia capitalista que, em face da globalização e das novas possibilidades de circulação, promoveu uma distribuição global das etapas da produção, aprofundando a divisão territorial do trabalho, a qual o estado potiguar se inseriu. Sua inserção na rota de produção se deu como parte das estratégias de empresas de capital nacional e internacional em extrair mais valia, em nível global. As empresas detentoras de alto poder de capital, do controle das técnicas modernas e de organização do trabalho, constituem as empresas do circuito superior da economia urbana, que atuam direta e indiretamente na

região metropolitana de Natal. Em consonância com sua força, o circuito espacial de produção destas empresas possui etapas que se realizam na escala urbana da capital, e são típicas do circuito superior. Fruto do mesmo processo de modernização, as cidades dos países subdesenvolvidos abrigam uma gama variada de atividades de baixa tecnologia, capital e organização, é o chamado circuito inferior, considerado um abrigo para os trabalhadores urbanos excluídos das atividades mais modernas. É o caso dos trabalhadores das pequenas indústrias do vestuário localizadas em Natal, cujas características internas das empresas pesquisadas, nos autorizam a classificá-las como parte deste circuito.

Os circuitos superior e inferior operam por lógicas opostas, mas suas atividades ocorrem em graus variados de integração, complementaridade, concorrência e subordinação, no caso do circuito inferior. A relação de complementaridade entre as empresas do circuito superior do vestuário, presentes no território potiguar, e as empresas do circuito inferior, são pouco representativas, pelo que foi possível analisar na pesquisa de campo. No caso da subcontratação das empresas do circuito inferior pelas do circuito superior, não encontramos entre as empresas pesquisadas, este tipo de contratação em nome das grandes empresas, como a Guararapes, Hering ou outras, típicas do circuito superior, que fazem uso desta prática de subcontratação, porém, em cidades localizadas no interior do estado, mas especificamente na região do Seridó, esse tipo de relação de complementaridade ocorre.

Nota-se uma distância drástica entre o circuito superior e o inferior, no que diz respeito ao nível de capital empregado na produção, à tecnologia e ao poder no uso do território durante as etapas do circuito espacial produtivo. As grandes empresas do vestuário presentes na região metropolitana da capital potiguar, comandam o circuito espacial de produção do vestuário em escala nacional pois são detentoras das variáveis inerentes ao circuito superior. Por sua vez, as pequenas empresas locais possuem escala de ação limitada, em razão de não disfrutarem das mesmas condições oferecidas pelo advento do meio-técnico-científico-informacional, bem como, das ações do Estado no que tange as normas e financiamentos das atividades industriais.

O circuito superior e inferior das indústrias do vestuário e seus respectivos circuitos espaciais produtivos revelam que Natal seguiu no ritmo de fragmentação no uso do território, tal como as demais metrópoles brasileiras, onde as áreas mais modernas são apropriadas pelos agentes mais poderosos do circuito superior e contam com o aval e o financiamento do Estado. Embora as empresas do circuito inferior do vestuário estejam

presentes em todas as zonas administrativas da cidade, os espaços por elas ocupados não indicam que elas possuam poder e autonomia quanto ao uso do território citadino, ficando restritas a localizações em bairros residenciais, de baixo dinamismo econômico e que apresenta poucas opções de emprego para população residente. Dessa forma, contraditória e desigual, é constituída a economia urbana das cidades do mundo subdesenvolvido, onde as características, do que Milton Santos denominou como sendo parte de um circuito superior e inferior, tecem e dão movimento ao espaço urbano.

REFERÊNCIAS

CASTILLO, R.; FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22 (3). 2010. p. 461-474. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/sn/v22n3/04.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2018

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2008 [1979].

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Livro Vira-vira 1, Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

SILVEIRA, M. L. Globalización y circuitos de la economía urbana em ciudades brasileñas. In: **Cuaderno del CENDES**, ano 21, n. 57, 2004. Disponível em:

<http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1012-25082004000300002&lng=pt&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em: 15 jul. 2018

SILVEIRA, M. L. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 22, n. 55, p. 65-76, Jan./Abr. 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792009000100004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 jul. 2018

SILVEIRA, M. L. A natureza relacional dos dois circuitos da economia urbana. In_. **Geografia Urbana**. Ciência e ação Política. Floriano José Godinho de Oliveira et: al. (Orgs). Rio de Janeiro: Consequência, 2014. Disponível em:

<<https://journals.openedition.org/espacoeconomia/6442>>. Acesso em: 20 jul. 2018

SILVEIRA, M. L. Modernização contemporânea e nova constituição dos circuitos da economia urbana. **GEOUSP (Online)**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 245 – 261, mai./ago. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/102778>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

SILVA, S. C. da. **Circuito espacial produtivo das confecções e explorações do trabalho na metrópole de São Paulo**. Os circuitos da economia urbana nos bairros do Brás e Bom Retiro (SP). 328 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 2012.
